

POR QUE FERNANDO DE NORONHA?

– Voo 447 da Air France

MILTON SERGIO SILVA **CORRÊA**
Capitão de Mar e Guerra (Ref²)

A pergunta poderia soar estranha ou descabida, se não fosse o trágico acidente com o avião da Air France. A mídia nacional e internacional informou e comentou detalhes a respeito do infeliz acontecimento, e a Ilha de Fernando de Noronha mereceu destaque por causa do recolhimento dos destroços da aeronave sinistrada.

Antes, porém, de tratar do assunto, parece conveniente lembrar qual é a aspiração ou a pretensão do nosso país.

Uma nação, para pretender liderança no cenário mundial atual, necessita de atributos e qualidades, entre os quais território extenso, população elevada, vontade política do povo e economia compatível (desenvolvida?). Therezinha de Castro expunha o tema com clareza nas suas conferências e citava, se a memória não me falha, os Estados Unidos, a Rússia, a China, a Índia, o Brasil e o

Canadá como países com essas características. Os três primeiros já haviam atingido os atributos, os demais eram aspirantes.

Desde o início do século passado, existe o sonho de o Brasil vir a ter grande futuro, contrariando o “gigante adormecido em berço esplêndido”. Quando poderá acontecer? Ou já está ocorrendo? A resposta a esta última pergunta tende a ser afirmativa quando constatamos que a economia alcança índices melhores nos dias atuais, conquanto muito aquém dos países do Primeiro Mundo. Mas também não há muita dúvida quando apresentamos o estoque de energia elétrica, as reservas e a produção de petróleo e de minérios, a safra agrícola e seu potencial na agroindústria, o estoque de água e de minerais radioativos, o parque industrial, o sistema bancário, e, entre outros, a telecomunicação, o enriquecimento de urânio e a construção de submarinos.

E a vontade política da população? Con-
vém incentivá-la e mostrar os avanços obtidos
e a obter – é preciso pensar com grandeza, al-
mejando um futuro próspero e o preparando.

Agora voltemos a Fernando de Noronha.

Nos idos de 1986, assumia o Estado-Mai-
or das Forças Armadas o Almirante de Es-
quadra José Maria do Amaral Oliveira, por
período de dois anos. Tive o privilégio de
conhecer o que foi imaginado e desenvolvi-
do como projeto para a Ilha, considerando o
ponto estratégico que ela representa. Foi cha-
mado para gerente o Comandante Daniel
Acylyno de Lima, conhecido pela praticidade
e inteligência inatas. Do que me foi dado a
conhecer, lembro-me que as empresas de en-
genharia Andrade Gutierrez e Mendes Júnior
financiaram o projeto, que foi desenvolvido
pela Hidroservice, do Grupo de Henri
Maksoud. A Ilha era contemplada com mui-
tas melhorias, aproveitando o recurso natu-
ral e ampliando-o, nunca o comprometendo.

Lembro-me de que houve definições
específicas para:

- a) aeroporto – permitir pouso de jatos
comerciais internacionais;
- b) cais – permitir a atracação de um ou
dois navios de turismo internacional;
- c) energia elétrica – usina compatível
para atender a todo o programado;
- d) água – usina de dessalinização e cap-
tação de chuva;
- e) florestamento – plantio de árvores
adequadas, uma vez que quase nada havia
de vegetação natural;
- f) turismo e alojamento – construção de
hotéis, sendo um de 4 estrelas, dois de 3
estrelas e dois de 2 estrelas, que poderiam
ser adaptados para abrigar militares, em
caso de necessidade;
- g) vigilância – radares, para atender ao ae-
roporto e ao controle do espaço aéreo de inte-

resse do País; sonares e boias radioossônicas,
destinados ao controle do trânsito de navios
e submarinos para e do Atlântico Sul;

h) arruamento – adequado para a ativi-
dade local, limitando a quantidade de veí-
culos particulares; e

i) infraestrutura – preparação de esco-
las para a população local, visando especi-
almente à atividade turística.

Alguns meses antes do término da ges-
tão do Almirante Amaral, que seria substitu-
ído por um general de exército, foi indicado
e aceito o General Ivan Jejuhy Afonso da
Costa, de elevado conceito e já na reserva,
para substituir o Comandante Acylyno na
gerência do projeto. Infelizmente, o General
Jejuhy não conseguiu, apesar de seus es-
forços, tornar realidade o que havia sido
imaginado e desenvolvido no projeto.

“Pensar grande” era o que fazia e conti-
nuou fazendo, até há poucos dias, o Almi-
rante Amaral – digno representante brasi-
leiro que vislumbra o futuro, honrado ho-
mem que antevia ações para desenvolver
o País e torná-lo grande.

Cabe, então, uma reflexão: em muito te-
ria sido facilitada a tarefa de localizar e res-
gatar o que restou do avião da Air France,
incluídas aí as importantes “caixas-pretas”,
se lá em Fernando de Noronha houvesse
unidades da Força Aérea e da Marinha, com
radares, sonares, navios-patrolha e todas
as facilidades projetadas!

Cabe pensar, agora, em algo semelhante
para a Ilha e, por que não, para o Arquipélago
de São Pedro e São Paulo, complementando
um sistema de vigilância que se aconselha
pertinente e adequado a um País Líder.

Finalmente, é lícito mencionar o esforço, a
dedicação e a competência com que a Força
Aérea e a Marinha do Brasil se desincumbiram
da triste tarefa de resgatar corpos e destroços.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ÁREAS>; Fernando de Noronha; Acidente; Força Aérea; Marinha do Brasil; Estratégia;